

AS CICATRIZES NA SUA BELEZA*

Isabela Ferreira Mattos

belinhaf.mattos@gmail.com

Jessica de Moura Pereira

jessica.fefd.ufg@gmail.com

Universidade de Brasília (UNB)

PALAVRAS-CHAVE: *padrões de beleza; corporeidade; dores da existência; "liberdade".*

APRESENTAÇÃO

"Nós" a aprisionam(os) e ninguém a libertará de seu corpo, Isabela(bela). Há cicatrizes em sua beleza. À medida que sua existência se desfaz em dores, acredite, será n'alma a intervenção cirúrgica mais eficaz.

O número *As Cicatrizes na Sua Beleza* é uma representação artística suscitada por meio de inúmeras vivências pessoais que se revelaram potencialmente devastadoras. Geradoras de dores, aflições e constrangimentos que me conduziram a incertezas sobre minha própria existência, antecipando ainda questionamentos que a muito tempo eram preparados.

Desde de crianças somos ensinadas e bombardeadas com imposições em relação a padrões estéticos e comportamentais, na maioria das vezes são inatingíveis, que fazem com que tendamos a desenvolver distúrbios alimentares, adoecimento mental e físico, questões infelizes e banalizadas nos dias de hoje. Assim, por ser suprimida a possibilidade de percebermos quem somos e o que nosso corpo pode significar para nós mesmos, no contato com os outros e com o mundo, uma sensação de aprisionamento se instala.

A priori, por me sentir limitada, "relacionar-me" com o tecido acrobático foi um grande desafio, contudo, a maneira mais lúcida e poética que encontrei para contestar minhas próprias fraquezas, formalidades sociais, culturais e deturpados princípios político-governamentais que, historicamente, coagiram e violentaram o meu corpo e tantos outros corpos desajustados.

Como protesto, apresento os meus movimentos, pois eles me permitem transcender e compreender "o que pode meu corpo". Eu me conecto ao tecido para que as restrições impostas pelos sistemas não me alcancem mais, porque, sim, eu posso ir mais alto e, assim como outras pessoas, inadequadas, não quero me encaixar.

* O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para sua realização.



Desfaço os nós para me libertar, desfaço os nós para nos libertar, ainda que a liberdade seja uma utopia. O meu corpo não se acomoda em padrões compulsórios de beleza que, ironicamente, são cambiantes e inalcançáveis. O meu corpo é protesto, meus movimentos são uma multidão. Por essa razão, as técnicas de acrobacias de solo e aéreas, foram requisitadas, elas me levam além e são o ponto alto da minha emancipação.

Há cicatrizes na minha beleza, frutos das feridas abertas por palavras (mal)ditas. Há cicatrizes na sua beleza, que derivam dos suplícios motivados pela autoestima perdida. Há cicatrizes em várias belezas, quando foi que fechamos os olhos para elas?

Numa sociedade de controle² as relações de poder direcionam a conduta dos sujeitos, que passam, tragicamente, a controlar aos outros e a si mesmos. Demande tempo, invista dinheiro e *voilà* sejam *forever young*. Como num passe de mágica surgem mais e mais, receitas, produtos e/ou serviços que prometem a espécie humana alcançar a “imortalidade”, neste ínterim, tanto a espera como a busca por um corpo perfeito fazem com que experimentemos a superficialidade e aquilo que não é real.

Felicidade, boa forma e juventude encontram-se a um procedimento estético de distância, revelam os cirurgões plástico. Ademais, contestáveis padrões de beleza são construídos e socialmente reforçados, ainda que seja impossível sustentá-los. Cirurgicamente o fim é adiado, quer seja a perfeição possível quer não, fato que explica o desejo e a procura constante pelas intervenções e correções estéticas.

A expectativa criada é de que a beleza está ao alcance de todas/os que se comprometem, assumem os riscos e “absoluta responsabilidade sobre suas aparências físicas”³, o que desencadeia uma crescente insatisfação com o corpo. A publicidade veicula imagens de mulheres e homens perfeitas/os, “barrigas negativas”, “bumbuns empinados” e milhões de exercícios para mantê-los; inúmeras dietas; suplementos caríssimos; ter/ser um corpo nunca custou tanto. Dizem que se estivermos pálidas/os demais um bronzeamento artificial na medida cai bem, entretanto, é preciso ter em mente que para atingir o “belo” ideal (infelizmente) a referência ainda é o branco.

Corpos sarados, feminilidades hiperbólicas, as formas idealizadas também podem ser consideradas as mais decentes. Se os dentes não estiverem perfeitamente brancos, os atributos físicos devem ser extremamente atrativos, caso contrário, ao invés de um outro corpo, serão as carências, a ansiedade, os transtornos e/ou a depressão, as novas e únicas companhias a ocuparem o espaço vazio que resta entre os nossos corpos e as telas dos celulares.

TEXTO INTRODUTÓRIO DA PERFORMANCE

Cadê a IsaBOLA?

— IsaBOLA? IsaBOLA?

— “Ela é tão bonita de rosto, pena que é gordinha”.

— “É você quem vai fazer a aula de dança? Hum! Acho que você não serve para dançar não. Esse biotipo... você pode até tentar, mas vai ter que emagrecer muito”.

— “Não conta pra ninguém não, mas eu fiquei com a IsaBola”.

— “Você não gosta de ser chamada de IsaBOLA? Bola.

(Risos)

— “Ué! Você está diferente, você está mais magra”.

— “Está emagrecendo mesmo, deve ter fechado a boca”.

— “Não, tem alguma coisa errada”.

— “Ela está muito magra. Caramba! Ela está magra demais”.

— “Nossa, mas agora ninguém vai te querer assim”.

— “Falta bunda, falta peito, não tem mais nada pra apertar”.



² In: Gilles Deleuze, 1992; Michel Foucault, 1995.

³ In: GOLDENBERG, Mirian [et al.]. Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.



—“Muito magra, muito magra. Gorda; magra; muito gorda; magra; gorda; magricela”
—“IsaBOLA! IsaBOLA...”

Obs: Durante o Congresso caso haja espaço disponível, para a instalação do tecido e apresentação da performance, gostaríamos de lhes pedir autorização para utilizá-lo.

LINK DO VÍDEO

O vídeo está disponível em:



<https://vimeo.com/332061630>

AGRADECIMENTOS

À Consuelo da Piedade Bernardo Ferreira, minha mãe, por me ajudar a dirigir o número, “As Cicatrizes na sua Beleza”, e também a minha vida. E à Haroldo da Silva Mattos, meu pai, por toda inspiração artística e pela produção do áudio. Ambos me incentivaram e me ajudaram a transformar cicatrizes em arte.

À CAPES, por conceder a bolsa de demanda social para a acadêmica Jessica de Moura Pereira, mestranda no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UnB.

